

Privação e delinquência em Capitães da Areia: sobre a abordagem Winnicottiana de Jorge Amado, antes de Winnicott

Ian Favero Nathasje¹

Resumo: Ao encontro de uma narrativa compatível com a teoria winnicottiana, o texto busca traçar um diálogo entre a leitura de *Capitães da Areia* de Jorge Amado e as proposições de Winnicott acerca da *Tendência Antissocial*. Através do estudo dos personagens *Pedro Bala*, *Sem-Pernas*, *Carrossel* e *Dora*, presentes no livro de Jorge Amado, e tendo como referência os conceitos winnicottianos de *tendência antissocial*, de *espaço potencial* e de *mãe suficientemente boa*, propõe-se uma forma de compreensão psicodinâmica que possa criar um espaço no qual esses dois autores se encontram e dialogam.

Palavras-chave: Comportamento infantil. Criança. Desenvolvimento infantil. Psicanálise. Literatura.

Introdução

“A tendência antissocial implica esperança” (Winnicott, 1956)

O livro de Jorge Amado começa com uma série de notícias, nas quais são notificadas as ações dos *Capitães da Areia*. De alguma forma, sinto que devo

¹ Psiquiatra de crianças, adolescentes e adultos. Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre - SBPdePA.

começar este texto também com uma notícia: nenhuma curiosidade ou a possibilidade de diálogos que possam surgir a partir deste material valem perder a oportunidade de ler o livro de Jorge Amado sem *spoillers*; ao menos essa é minha opinião. Dito isso, este texto surge de um acaso, da sorte de ler dois livros ao mesmo tempo e ficar em dúvida se Jorge Amado teria lido alguma coisa de Winnicott anteriormente, algo impossível pela temporalidade.

Jorge Amado nasceu em 1912 e foi um dos maiores romancistas brasileiros. Escreveu *Capitães da Areia* em 1937, um ano após ter sido preso, acusado de participar da Intentona Comunista. Nesse mesmo ano, seus livros foram queimados em praça pública na cidade de Salvador. *Capitães*, um dos livros queimados, descreve com vivacidade os acontecimentos da vida dos meninos de rua da cidade, denuncia a forma como as instituições veem essas crianças e sonha, junto com os personagens, uma vida diferente para cada um deles.

Winnicott nasceu em Plymouth, Inglaterra, em 1896. Estudou Biologia, Medicina e trabalhou a maior parte de sua vida como pediatra e psicanalista. É marcante em seu trabalho o entendimento da mãe-bebê como uma dupla, na qual um não existe sem o outro (desde o início, o ambiente desempenha um papel fundamental na vida do bebê). Foi consultor para o governo durante a Segunda Guerra Mundial e teve um papel importante na difusão da psicanálise em outros ambientes, fazendo falas em emissoras de rádio e palestras para professores e profissionais de saúde não psicanalistas. Ainda que os primeiros textos de Winnicott datem do início da década de 30, sua maior produção psicanalítica se deu a partir de 1945, com *O desenvolvimento emocional primitivo* e os textos do período de 1939 a 1971, estes utilizados como embasamento teórico para este artigo.

Não é a intenção deste trabalho fazer alguma reflexão hierárquica dos conhecimentos ou do ponto de vista desses dois autores, mas talvez perceber que, ainda que cada um deles tivesse uma intenção, um aporte teórico, uma vivência social e emocional em tempos, locais e acontecimentos históricos diferentes, algo em comum é experienciado pela leitura de ambos.

Quem são os *Capitães da Areia*?

“Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvidas o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos Capitães da Areia, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam nossa urbe.” (Jorge Amado, 1937)

“Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pai e mãe na vida da rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si. Tinham sido sempre iguais a homens.” (Jorge Amado, 1937)

O livro não delimita o início dos Capitães da Areia, mas deixa claro que estão ali os meninos perdidos da Bahia. Perdidos porque nunca foram achados, são meninos abandonados pelas famílias e pelo estado, não possuem filiação. Talvez por isso são sempre guiados por um líder, não aceitam meninas no grupo e possuem um código moral decidido por eles e executado pelo líder. Aparentam ser mais do que o livro pode descrever, chegando a ter em alguns momentos cem crianças, homens (como eles se chamam), dormindo embaixo do trapiche, à beira-mar, no areal. São capitães de pouco ou de muita coisa, “porque toda a zona do areal do cais, como aliás toda a cidade da Bahia, pertencia aos Capitães da Areia” (Amado, 1937/2008, p. 28). Viviam um dia de cada vez, uma refeição por vez, um furto por vez, “havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas” (p. 38).

É nessa vida que surgem os personagens do livro. Recebem seus nomes devido a feitos ou características. São alguns deles: *Pedro Bala*, *João Grande*, *Volta Seca*, *Gato*, *Sem-Pernas*, *Professor* e *Pirulito*. O livro narra a vida dos capitães, alguns deles recebem maior atenção, mas através dos capítulos o narrador muda de capitão ou o local em foco, podendo de alguma forma passar a sensação de que o leitor também conhece os *Capitães da Areia*, e não apenas esse ou aquele. Iremos focar em dois dos *capitães* que o livro descreve com maior frequência, relacionando-os com o pensamento de Winnicott de que a tendência antissocial pode seguir dois caminhos (o do furto e o da destrutividade) (1956/2012c), são eles: *Pedro Bala* e *Sem-Pernas*.

Pedro Bala — A via do furto

“É aqui também que mora o chefe dos Capitães de Areia: Pedro Bala. . . . Nunca soube de sua mãe, seu pai morrerá de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça.” (Jorge Amado, 1937)

O líder dos *Capitães* não conseguiu seu título de forma fácil. Vivendo nas ruas desde os cinco anos, após a morte do pai, sempre foi conhecido por sua agilidade (de onde vem seu sobrenome: *Bala*) e por sua capacidade de luta. Aos quinze anos, após uma “desavença”, entrou em uma disputa com o antigo líder dos *Capitães da Areia*, o que lhe rendeu a chefia do grupo e um talho no rosto.

Como líder, *Pedro Bala* é respeitado pelos outros capitães, idealizado pelos mais novos e temido pelos mais velhos. Dentre as histórias contadas, *Pedro Bala* talvez tenha a de maior estruturação familiar. Apesar da ausência da mãe, é dito que o pai era presente, com *Pedro Bala* participando de reuniões com amigos do pai, os quais também gostavam e eram afetivos com o menino. Por fim, foi para as ruas por causa da morte de seu pai, não por abandono, podendo inclusive identificar-se com a história paterna, pois o pai morreu em uma greve, lutando pelos direitos de muitos outros.

Winnicott fala sobre a capacidade do bebê de perceber o local da falha, que este se localiza externamente ao bebê/criança, no ambiente (1956/2012c). Essa determinação da situação onde a falha ocorreu é de suma importância para o que ele vai chamar de *Tendência Antissocial*, uma vez que essa tendência é justamente a tentativa de fazer o ambiente retornar àquela criança o que lhe foi tirado ou perdido, mas que existiu em algum momento (1956/2012c). Descreve ainda a dramatização da agressividade pela via do furto como uma busca por algo em algum lugar que, não o encontrando, procura-o em outro lugar, enquanto tiver esperança (1956/2012c).

É a partir de *Pedro Bala* que surge um dos primeiros diálogos com a obra de Winnicott. No começo do livro, o menino é descrito como um perdido, um ladrão, alguém contra a sociedade e as instituições baianas. Numa troca de cartas entre a polícia, o reformatório e o judiciário não lhe poupam adjetivos ruins e destinos definidos. Mas assim que o narrador assume e nos apresenta *Pedro Bala*, a sensação é outra. Ele é alguém envolvido com seus colegas, sente-se responsável por eles e planeja e executa seus furtos para prover aos companheiros algo que lhes falta: comida — mas também afeto e segurança.

Em diversos momentos, *Bala* sonha com um mundo diferente para ele e os *capitães*. Pensa num mundo onde não tivessem crianças na rua, onde eles não precisassem roubar para sobreviver. Apesar dos sonhos e da responsabilidade, *Bala* não se chama assim pela velocidade em que assumiu o papel de pai dos outros *capitães*. É, na verdade, o protagonista dos roubos mais difíceis do grupo, mente, briga, invade propriedades. Em um momento do livro, estupra uma menina no areal, “derruba”, como eles se referem ao sexo. Nessa cena, do estupro, *Bala* estranha que a menina (também com seus quinze anos) pudesse

não estar interessada. Ao final, a acompanha até o fim do areal para protegê-la e se sente mal e sujo, quando então é amaldiçoado por ela. *Bala*, nesse episódio, não entende o que sente:

E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pai, o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida de criança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela pobre negrinha, uma criança também.

“Uma criança também” — Ouvia uma voz no vento, no samba que cantavam, uma voz dizia dentro dele. (Amado, 1937/2008, p. 95)

Pedro Bala parece ter sentido culpa. Como descreve Winnicott: “A palavra envolvimento é usada para cobrir de modo positivo um fenômeno que é coberto, de modo negativo, pela palavra ‘culpa’” (1963/2012b p. 111). Não podendo se envolver de verdade com o outro (aqui representado pela menina), não podendo se preocupar com ela, assumir responsabilidade pelos atos acusados por sua agressividade, o menino sente culpa. Winnicott ainda descreve a culpa como algo que exige certo grau de integração do ego, um conceito ligado à ambivalência, existindo a retenção de um objeto bom, ao lado de sua destruição (1963/2012b).

No livro, tomado de esperança, *Pedro Bala* tem uma nova chance de lidar com essa situação. Novamente, ele é colocado na possibilidade de “derrubar” uma segunda menina (*Dora*), mas dessa vez vai reconhecer nos olhos dela uma criança, como ele, e parece que ali encontra algo que buscava. Também encontra uma oportunidade de reparar sua atitude para com a primeira menina. Mas vamos falar de *Dora* mais para frente.

Bala, ao final do livro, segue um caminho diferente do que teve até então. Entra para o movimento sindical, impedindo os trabalhadores de “furar greves”. Organiza os *Capitães da Areia* para participarem desse movimento e é enviado para vários estados para convocar as crianças de rua a se unirem ao movimento grevista dos trabalhadores. Entendo que a organização dos trabalhadores pela luta de direitos trabalhistas possa ser, para alguns, um fim polêmico no momento sociopolítico atual, tanto quanto era em 1937 — algumas coisas, aparentemente, se mantêm. Mas dada a história pessoal de *Bala*, que sonhava lutar pelos direitos do povo, quanto a história pessoal do escritor, acredito ser esse um fim que ambos, personagem e autor, consideraram saudável.

***Sem-Pernas* — A via da destruição**

“Coxo, o defeito físico valera-lhe o apelido.” (Jorge Amado, 1937)
“. . . posso assinar que, quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças do amor, o indivíduo tem de fazer alguma coisa para salvar-se, e uma das coisas que ele faz é pôr para fora o seu íntimo, dramatizar exteriormente o mundo interior, representar ele próprio o papel destrutivo e provocar seu controle por uma autoridade externa.” (Winnicott, 1939)”

Sem-Pernas tem uma função bem específica dentro do grupo: é profissional em causar dor e afeto nas pessoas, tanto pela deficiência física quanto pela história que conta. E, assim, adentra nas casas de família, passando ali alguns dias. Vai embora no mesmo dia em que os *Capitães da Areia* fazem uma visita noturna à casa, já avisados da localização do que quer que pudesse ser precioso. Sempre é retratado como alguém mal-humorado, rabugento, agressivo, encontra poucas alegrias na vida, a não ser imaginar as pessoas que o acolheram acordando no dia seguinte e percebendo que foram enganadas por ele.

Em sua história viveu maldades terríveis, como a vez que trabalhava (e morava) com um suposto padrinho, dono de uma padaria, mas que o surrava constantemente. Outra vez, foi preso por furto e, na cadeia, os soldados o faziam correr em volta de uma mesa sempre com um soldado atrás, que o açoitava até ele cair no chão, onde continuava sendo chicoteado. Esse último episódio aparece em um sonho traumático, que se repete várias vezes, a mesma cena, do mesmo jeito.

Talvez o maior acontecimento na história de *Sem-Pernas* seja justamente durante uma dessas suas investidas profissionais. Pensando na tendência antissocial como uma forma de compelir o meio a ser importante e presente (Winnicott, 1956/2012c), é através do entendimento ou no ato em si (nesse mundo interno dramatizado externamente) que se encontra o potencial de resposta, potencial de discernir o que foi vivido, mas foi perdido (Winnicott, 1939-64/ 2012a).

Sem-Pernas bate na porta de mais uma casa, roteiro pronto, história inventada. Três dias são suficientes para descobrir o que precisa e sair dali. Ao ser recebido pela dona da casa, ela se emociona. Quando pergunta o nome de *Sem-Pernas*, ele responde que se chama Augusto, a dona chora, pois perdera há alguns anos um filho chamado Augusto, que teria a mesma idade de *Sem-Pernas*. Ali ele não será tratado como nos outros lugares.

Se o houvessem deixado na cozinha de mistura com a criadagem, como o deixavam nas outras casas onde penetrara para depois roubar, poderia fumar, conversar na língua de poucos termos dos Capitães da Areia. Mas desta vez o tinham lavado, vestido de novo, posto brilhantina no seu cabelo e perfume no rosto. Depois tinham lhe dado comida na sala de jantar. E durante o almoço a senhora conversara com ele como se ele fosse um menino bem-criado. Agora mandara que ele brincasse no jardim, onde o gato amarelo que se chamava Berloque esquentava no ao sol. (Amado, 1937/2008, p. 124)

Dona Ester e Dr. Raul, que o acolheram, não tinham ideia do quanto tinha faltado a *Sem-Pernas* no que diz respeito a cuidado. Certa noite, Dona Ester dá um beijo de boa noite no rosto de *Sem-Pernas*:

O Sem-Pernas ficou parado, sem um gesto, sem responder sequer o boa-noite, a mão no rosto, no lugar em que dona Ester o beijara. Não pensava, não via nada. Só a suave carícia do beijo, uma carícia como nunca tivera, uma carícia de mãe. Era como se o mundo tivesse parado naquele momento do beijo e tudo houvesse mudado. Só havia no universo inteiro a sensação suave daquele beijo maternal na face do Sem-Pernas. (Amado, 1937/2008, pp. 127-128)

Sem-Pernas não se lembrava de ter recebido na vida algo afetivo que o fizesse se sentir assim. Em algum momento deve ter recebido, senão não reconheceria a carícia como de mãe, não teria reduzido a existência do universo àquele momento (mas aqui podem ser as minhas fantasias). Algo me deixava inquieto ao ler essa parte específica, algo que não parecia real, uma sensação de que por mais amorosa que Dona Ester seja, aquele não é um amor para o *Sem-Pernas*. Aquele amor é para Augusto, seu falecido filho, agora personagem encarnado por *Sem-Pernas*. Será que esse amor sem reconhecimento, um amor não direcionado a *Sem-Pernas*, mas ao que ele representa para Dona Ester, é amor? Ela ama *Augusto Sem-Pernas*, ou ama suas projeções de *Augusto Seu-Filho*?

O dilema de *Sem-Pernas* é outro: sempre sentiu raiva das famílias que o acolheram, pois pensava que o faziam por remorso, “Porque o *Sem-Pernas* achava que eles eram todos culpados da situação de todas as crianças pobres. E odiava a todos, com um ódio profundo” (Amado, 1937/2008, p. 125). Contudo, também vive pelo código dos *Capitães da Areia*, onde só castiga onde há erro e se paga o bem com o bem (p. 131). Por fim, *Sem-Pernas* decide que o mal que lhe fizeram não é recuperável, e que iria sim, traír Dona Ester e Dr. Raul. Mas já não é o mesmo *Sem-Pernas* que decide isso: “. . . olhou com carinho as janelas do quarto de dona Ester e ela, que o espiava, notou que ele chorava” (p. 131).

Algo dessa experiência provoca uma mudança em *Sem-Pernas*. Durante seu período na casa, seu sonho traumático se transforma:

Depois foi o horror dos sonhos da cadeia, o homem de colete que ria brutalmente, os soldados que surravam o Sem-Pernas, que corria com a perna aleijada em volta da saleta. Mas de repente chegou dona Ester e o homem de colete e os soldados morreram entre infinitas torturas, porque agora o Sem-Pernas estava vestido com uma roupa de marinheiro e tinha um chicote na mão como o mocinho do cinema. (Amado, 1937/2008, p. 128)

Um sonho, antes traumático, repetitivo, feito apenas de cenas da realidade e do excesso sensorial do espancamento, pode ser de alguma forma transformado pelo cuidado. A repetição exaustiva do sonho finalmente encontrou uma possibilidade de simbolização, em que não mais uma cena da realidade se repete, mas um *Sem-Pernas* limpo e bem cuidado, vestido de marinheiro, bem como possuidor de um chicote, ocupando lugar de herói e mocinho, ao melhor estilo *Indiana Jones*. A entrada dessas cenas ao universo simbólico rende novos sonhos, nem sempre agradáveis como o primeiro. Após decidir se reunir aos *capitães* e, portanto, trair Dona Ester, sonha novamente:

Na rua vinha Dr. Raul com dois guardas. Eram os mesmos soldados que o haviam espancado na cadeia. O Sem-Pernas corria, mas Dr. Raul o apontava e os soldados o levavam para a mesma sala. A cena era a mesma de sempre: os soldados se divertiam ao fazê-lo correr com sua perna capengando e o espancavam e o homem de colete ria. Só que na sala estava também Dona Ester, que o olhava com olhos tristes e dizia que ele não era mais seu filho, era um ladrão. E os olhos de Dona Ester o faziam sofrer mais que as pancadas dos soldados, mais do que o riso brutal do homem. (Amado, 1937/2008, p. 133)

Winnicott trabalha mais a via do furto do que a via da destrutividade em seu trabalho *A tendência antisocial* (1956/2012c). Referindo-se a esta via como aquela em que “a criança está procurando aquele montante de estabilidade ambiental que suporte a tensão resultante do comportamento impulsivo” (1956/2012c, p. 141). Já discutimos que, na via do furto, a criança tenta reaver um objeto/cuidado que existia mas foi perdido (essa perda não atrapalha certo nível de integração que já havia sido alcançado), o que faz com que as condições de busca do objeto perdido se apresentem na forma de furto, culpabilizando o ambiente por essa perda. Já a via da destruição não tem uma explicação tão clara pelo texto de Winnicott. Podemos pensar, a partir da frase acima, que a perda ocorrida atrapalha em algum nível uma integração existente, fazendo com que a criança retorne a um estado em que o comportamento impulsivo/agressivo

não tem *consideração* por quem ele atinge. Acredito que estamos nos referindo à desfusão do amor e do ódio, justamente aquilo que permite o sentimento de envolvimento com os atos perpetrados pelo sujeito e a utilização do montante pulsional para a construção de algo.

Desfusionados, então, o amor e o ódio, a criança retornaria a um estágio sem *consideração*, anteriormente alcançado ou em desenvolvimento. Ainda que a criança não se responsabilize pelos efeitos de seus atos, não quer dizer que não possa existir certa intenção neles. *Sem-Pernas* está sempre buscando uma forma de dar vazão a sua excitação pulsional em forma de destruição, seja com agressões físicas, traindo famílias ou provocando confusões. Esse tipo de ação não constrói algo para *Sem-Pernas*, não torna ele mais próximo das ações de um líder como *Pedro Bala*, não faz com que ele seja respeitado ou cresça na hierarquia própria dos capitães, é uma necessidade de descarregar o ódio desfusionado e, com sorte, nesse processo encontre alguém que *sobreviva* a isso.

Ainda que Dona Ester possa ter oferecido algum tipo de provisão ambiental fica evidente, na história de *Sem-Pernas*, a falha do ambiente, não só um ambiente que falha, mas que retalia, que não sobrevive. Esse ambiente que não sobrevive à agressividade de *Sem-Pernas* não pode ajudá-lo na tarefa de responsabilização pela agressividade, pela localização intrapsíquica dessa agressividade e pela potencialidade de reparação que ela representa. Em certo momento, conta sobre uma vez em que foi a um parque de diversões e comprou um ingresso. Quando foi ao brinquedo, foi expulso a chutes, pois estava maltrapilho. Retornou então ao caixa para pegar seu dinheiro de volta e foi negado. Não sentindo ter outra opção, roubou o dinheiro do caixa em pelo menos cinco vezes mais do que tinha pagado. Saiu dali com a certeza que “preferiria, sem dúvida, ter rodado no carrossel, montado naquele fantástico cavalo de cabeça de dragão, que era sem dúvida a coisa mais estranha e tentadora na maravilha que era o carrossel para os seus olhos” (Amado, 1937/2008, pp. 65-66).

Sem-Pernas me levou a perguntar: até onde vai a esperança? Em outro texto, Winnicott diz que “A aniquilação é a ausência de esperança” (1969/2019b, p.152), ressaltando a aniquilação como mecanismo primitivo de defesa. Entendo que estamos falando de uma época em que o bebê vive em onipotência, não reconhecendo o não-eu, o ambiente enquanto externalidade. Não existindo externalidade, não existe para onde pedir ajuda, pedir controle externo, não existe tendência antissocial, não existe esperança. Mas será então que não havia esperança para *Sem-Pernas*? Minha impressão é de que existiu esperança no encontro do *Sem-Pernas* com Dona Ester. Havia esperança no encontro da excitação, do ato antissocial de *Sem-Pernas*, como uma pessoa que

talvez sobrevivesse. Muitos “talvez” entram nessa história: talvez ser amado e reconhecido sendo ele mesmo, talvez ele não tivesse que escolher entre Dona Ester e os *Capitães*. Não saberemos. Mas, apesar do sonho onde era perseguido por Dr. Raul e depois era observado tristemente por Dona Ester, a realidade externa era que Dona Ester procurava por *Sem-Pernas* e ele foi avisado, mas não quis ir encontrá-la. Ele “rebentou em soluços, que deixaram os *Capitães da Areia* estupefatos. . . . Lá fora o vento corria sobre a areia e seu ruído era como uma queixa” (Amado, 1937/2008, p. 134).

Em consonância, temos Winnicott quando diz “Finalmente, toda a agressão que não é negada e pela qual pode ser aceita a responsabilidade pessoal, é aproveitável para dar força ao trabalho de reparação e restituição” (1939-64/2012a, p. 101). E também Roussillon, para quem o sujeito que experimenta a realidade da não-sobrevivência do objeto vivencia, através dessa realidade, a realização de uma fantasia da destrutividade, fazendo com que ela (a agressividade) perca sua localização intrapsíquica e, portanto, seu caráter potencial (1991, p.142). *Sem-Pernas*, apesar de alguns avanços, nunca pôde reintegrar sua agressividade, o mundo externo sempre se apresentou como retaliador e o que partia do menino como agressividade se tornava destruição ao encontrar o ambiente. Não podendo ele mesmo aceitar e se responsabilizar por sua própria agressividade, resta se retirar de um mundo sempre mau. Em um ato final,

Essa será sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão em seu corpo. Sem-Pernas os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca pode ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado a o abandonar porque a vida já o tinha marcado demais. Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. Nunca conseguira amar a ninguém, a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. Amava unicamente seu ódio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito físico. Uma vez uma mulher foi boa para ele.

Mas em verdade não o fora para ele e sim para o filho que perdera e que pensara que tinha voltado. . . . Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força de seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo. (Amado, 2008, pp. 250-251)

O Carrossel: Área da brincadeira

“— Quer ver uma coisa bonita?
Todos queriam.” (Jorge Amado, 1937)
“. . . o brincar tem um espaço e um tempo.” (Winnicott, 1971)
“O grande carrossel japonês não era senão um pequeno carrossel nacional, que vinha de uma triste peregrinação pelas paradas cidades do interior naqueles meses de inverno, quando as chuvas são longas e o Natal está muito distante ainda. De tão desbotada que estava a tinta, tinta que antigamente fora azul e vermelha e agora o azul era um branco sujo e o vermelho um quase cor-de-rosa, e de tantos pedaços que faltavam em certos cavalos e em certos bancos, Nhozinho França resolveu não armá-lo numa das praças centrais da cidade e sim em Itapagipe.” (Jorge Amado, 1937)

As cenas do carrossel de Nhozinho França são algumas das partes mais leves do livro. Nessa experiência de angústia que Jorge Amado nos submerge, nessa aproximação da vivência da vida de um *capitão*, eles (e nós) precisam de uma pausa, um respiro. É ali que se passam os momentos mais felizes do livro, uma felicidade em ler e imaginar que aqueles *homens* podem viver algum momento para ser o que eles realmente são: crianças.

Qual seria então o espaço que o Carrossel ocupa para os *capitães*? Ele representa algo? Ele serve de coisa/objeto que será introjetado como acalentador? Ou o carrossel é um pedaço concreto do mundo real? Um local onde os *capitães* lidam com a realidade?

Escutavam religiosamente aquela música que saía do bojo do carrossel na magia da noite da cidade da Bahia só para os ouvidos aventureiros e pobres dos Capitães da Areia. Todos estavam silenciosos. . . . Então a luz da lua se estendeu sobre todos, as estrelas brilharam ainda mais no céu, o mar ficou de todo manso (talvez que Iemanjá tivesse vindo ouvir também a música) e a cidade era como que um grande carrossel onde giravam em invisíveis cavalos os Capitães da Areia. Neste momento de música eles sentiram-se donos da cidade. E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da música. Volta Seca não pensava com certeza em Lampião neste momento. Pedro Bala não pensava em ser um dia o chefe de todos os malandros da cidade. O Sem-Pernas em se jogar no mar, onde os sonhos são todos belos. (Jorge Amado, 2018, p.68)

O Carrossel ocupa, no livro e, na vida dos *capitães*, um lugar que não está localizado na realidade externa e nem no mundo interno, ou nem no objeto objetivamente percebido nem no objeto subjetivamente criado — localiza-se no espaço entre esses lugares, lugar que Winnicott chamou de espaço potencial (1967/2019c). Para Winnicott, é o lugar onde ocorre o processo gradual de desilusão, onde a criatividade primária encontra os objetos percebidos, onde não se responde à pergunta do paradoxo: esse objeto foi criado por você? Ou ele estava convenientemente no lugar e hora certos? (1953/2019a, 1967/2019c). Jorge Amado novamente parece ter essa percepção. Ao descrever o carrossel, descreve-o como algo quase decepcionante: triste, desbotado e desmembrado, mas nada que impedisse que, no encontro com os capitães, aquele fosse de fato “O Grande Carrossel Japonês”.

Winnicott tem ainda uma outra descrição para esse espaço (além de potencial, intermediário, terceiro espaço, transicional). Também se refere a ele como a área da brincadeira (1967/2019). Talvez seja com esse termo que mais sinto liberdade de pensar os *capitães* no Carrossel. Essencialmente, aquele é um lugar para a brincadeira deles, diferente dos momentos onde jogam cartas marcadas para enrolar outros malandros em bares. No Carrossel, montados em diversos animais (que pela velhice do Carrossel já não são tão fáceis de reconhecer), podem experimentar um estado de não-integração e de integração, podem se unir aos objetos e reconhecê-los fora da área de controle onipotente (Winnicott, 1967/2019c). Preenchem aquele carrossel velho e caído de suas próprias cores, e os animais já disformes se transformam em verdadeiras feras galopantes; um extravasamento da subjetividade de cada um deles no mundo externo.

Pela madrugada os Capitães da Areia vieram. . . . E eles esqueceram que não eram iguais às demais crianças, esqueceram que não tinham lar, nem pai, nem mãe, que viviam de furto como homens, que eram temidos na cidade como ladrões. . . . Esqueceram tudo e foram iguais a todas as crianças, cavalgando os ginetes do carrossel, girando com as luzes. As estrelas brilhavam, brilhava a lua cheia. Mas, mais que tudo, brilhavam na noite da Bahia às luzes azuis, verdes, amarelas, roxas, vermelhas do Grande Carrossel Japonês. (Amado, 1937/2008, p. 82)

As passagens anteriores mostram a capacidade dos *Capitães* em estarem em estados não-integrados, na capacidade de ser (que não provém de satisfações instintivas) (Winnicott, 1967/2019c, pp. 159-160), de se desconectar de seus planos futuros, de seus instintos psíquicos e fisiológicos, e, naquele momento, naquele Carrossel, apenas são.

Dora, uma *capitã* suficientemente boa

“Naturalmente, a própria mãe do bebê tem mais chances de ser suficientemente boa do que qualquer outra pessoa . . .” (Winnicott, 1971)

“Sente que há qualquer coisa de novo no trapiche: eles encontraram mãe, carinho e cuidados de mãe. . . . É uma coisa tão grande demais encontrar na terra uma mãe que já morreu.” (Jorge Amado. 1937)

Dora é trazida ao trapiche pelo *Professor* e *João Grande*. Encontraram a pobre menina e seu irmão nas ruas, a mãe morreu de bexiga (alastrim/varíola) e ninguém queria ajudar os filhos de alguém doente. Ao chegar no trapiche, depois de enfrentar uma tempestade que seria apenas um dos terrores daquela noite, começa um alvoroço: os capitães que estavam no trapiche sabem que não se tem meninas entre eles, que se há uma menina ali é para ser “derrubada”. Puxados por *Sem-Pernas*, todos começam um movimento contra *João Grande* e *Professor* que tentam defender Dora e seu irmão. Mesmo a chegada de *Pedro Bala* não é tranquilizadora. Na lógica das leis dos próprios capitães, Dora estava ali para ser derrubada. É só depois que *Pedro Bala* olha nos olhos de Dora e reconhece nela uma criança (“Uma criança também”) que se junta a *Professor* e *João Grande* na defesa de Dora. Apesar de ainda ser uma batalha, a junção dos três pouco a pouco faz com que os outros desistam da disputa.

De alguma forma, essa divisão *João Grande*, *Professor* e *Pedro Bala* versus outros capitães divide um tipo de relacionamento que existirá entre cada grupo com Dora. O primeiro tem relações mais adultas — para *João Grande*, Dora é uma grande irmã, comparada a *Rosa Palmeirão*, personagem que também aparece em outro livro de Jorge Amado (*Mar Morto*) e é respeitada como mulher forte, batalhadora e guerreira. *Professor* se apaixona por Dora e entra numa disputa na qual nunca teve chance com *Pedro Bala*, sendo este o amor de Dora desde o momento em que ele decidiu defendê-la. O segundo grupo tem relações materno-filial com Dora: através de seu cuidado, com uma relação que parece não levar em conta o ocorrido na primeira noite, uma relação em que Dora se dedica a eles, ajuda-os e se preocupa de uma forma “tranquila e sem ressentimentos” (Winnicott, 1953/2019a, p. 28).

Winnicott, ao descrever a mãe suficientemente boa, reconhece a necessidade de uma adaptação ativa em relação às necessidades do bebê. Considera que o sucesso nos cuidados com o bebê depende da devoção e não necessariamente de habilidades prévias ou conhecimento intelectual (1953/2019a). Dora parece exercer essas atividades com naturalidade. São muitos os exemplos que

aparecem no livro, mas duas cenas chamam atenção: 1. Ao coser a roupa rasgada de *Gato* no próprio corpo dele, fazendo com que o toque dela primeiro seja confundido com um toque sexual, que o excita. Com a continuidade, *Gato* relaxa, sente-se uma criança de novo, sente como se estivesse deitado no colo de Dora, pequeno, agora um gato no sentido de pequeno, aninhado, que recebe carinho, não o *Gato* sensual, malandro das ruas da Bahia. 2. Em uma conversa com *Pirulito*, escuta-o falar sobre a religião e sua vontade de um dia se tornar padre. Escuta-o de tal forma que ele se sente livre para dividir suas inseguranças, “Tu acha que eu sirvo?”. Por fim, dá um “deus-menino” à Dora, uma figura que ele guardava com carinho por muito tempo. E Dora “aceitou, como uma mãe aceita parte da guloseima do filho querido para que este fique satisfeito” (Amado, 1937/2008, p. 186).

É curta a passagem de Dora pelos *capitães*. Algum tempo depois, em um dos furtos do grupo, ela e *Pedro Bala* são capturados. Ele é mandado para o reformatório onde é açoitado, torturado, e passa fome. Ela é enviada a um convento, onde deve seguir uma série de regras, mas é bem alimentada e cuidada. Demora até que os *capitães* que não foram capturados resgatem *Pedro Bala* e, posteriormente, resgatem Dora. Nesse momento, ela já estava doente de algo que não é explicado no livro. São recebidos com alegria, mas o estado de Dora piora e ela morre após se casar com *Pedro Bala*. Só os dois, na areia do cais e depois de viverem uma noite de amor.

. . . eles todos gargalharam junto com Dora, e a olharam com amor.
Como crianças olham a mãe muito amada. (Amado, 1937/2008, p. 182)

Considerações finais

O impulsionador deste texto foi a profunda sensação de que Jorge Amado “leu” Winnicott. A transcrição de algumas partes de certo não passa a real sensação de ler *Capitães da Areia*. Mas algo se encontra entre esses dois autores: Winnicott, na construção de sua obra que investigava o ato antissocial, e Jorge Amado ao ilustrar através dos livros a problemática real do abandono infantil, em 1937.

Freud, no texto sobre a *Gradiva* de Jensen, diz: “Mas os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia” (1907/2015, p. 16).

Continua ressaltando que, quando se trata de alma (*Seele*, no alemão), os escritores estariam muito à frente do homem cotidiano. Qual é essa capacidade que permite aos escritores fazerem um testemunho tão rico? Tão capazes de

percepção que podem desvelar coisas até então ignoradas?

Assim que o livro acaba, temos uma pequena nota de Zelia Gattai contando que para conhecê-los, Jorge Amado teria ido dormir no trapiche com os meninos. Jorge Amado conseguiu olhar o que as pessoas ignoravam. O livro se inicia com cartas em que as instituições que deveriam cuidar desses meninos brigam entre si, cada uma jogando a responsabilidade na outra, preocupadas apenas com sua reputação. É mais um momento de encontro entre os autores: Jorge Amado denuncia a ausência do Estado para olhar/cuidar essas crianças e Winnicott ressalta que o tratamento talvez não seja a psicanálise, mas o acolhimento institucional dessas crianças, seria como uma “administração, uma conduta no sentido de ir ao encontro do momento de esperança e corresponder a ele” (Winnicott, 1956/2012c, p. 139).

O encontro desses autores que, à sua maneira, escreveram trabalhos que contam algo sobre a natureza humana é uma forma de reafirmação do que cada um expõe. Winnicott, trabalhando com as crianças forçosamente separadas de seus pais nas guerras, e Jorge Amado, vendo outras crianças forçosamente separadas de seus pais por condições sociais e de saúde, descreveram algo parecido sobre o seu desenvolvimento, seu adoecimento e suas capacidades.

Jorge Amado reafirma a teoria psicanalítica que é criada a partir da cultura e das relações sociais existentes, na qual o Eu é produto de relações complexas e múltiplas. Enquanto Winnicott reafirma a necessidade do encontro humano, das potencialidades com que cada um participa, produz e guarda desses encontros, bem como a indissociabilidade de indivíduo e sociedade.

A cada capítulo, Jorge Amado demonstra sua capacidade que poderia ser chamada de psicanalítica, mas a verdade é que, em consonância com o exposto por Freud acima, é relevante destacar como uma capacidade literária de escutar o inaudível, dar forma a uma narrativa de sofrimento e tornar palavra uma história que segue ativamente invisibilizada pelo Estado.

Deprivation and delinquency in Captains of the Sands: a study about the Winnicottian contribution of Jorge Amado, before Winnicott

Abstract: Facing a narrative similar to what proposed Winnicott a few years later, the article seeks to conceive a dialogue between the book *Captains of the Sands* written by Jorge Amado and the Winnicott's propositions about the *Antisocial Tendency*. The analysis of the book's characters Peter Bullet, Legless, Carousel and Dora, together with the winnicottian concepts of *antisocial tendency*, *potential space* and *good enough mother*, allows a way of comprehension that might embrace the thinking of these two authors.

Keywords: Child. Child behaviour. Child development. Literature. Psychoanalysis.

Referências

Amado, J. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Texto original publicado em 1937)

Freud, S. (2015) O Delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In: Obras Completas (Vol. 8, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1907)

Winnicott, D. W. (2012a). A agressão e suas raízes. In *Privação e delinquência* (pp. 93-110). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Texto original publicado em 1939-1964)

Winnicott, D. W. (2012b). O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In *Privação e delinquência* (pp. 111-118). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Texto original publicado em 1963)

Winnicott, D. W. (2012c). A tendência antissocial. In *Privação e delinquência* (pp. 135-147). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Texto original publicado em 1956)

Winnicott, D. W. (2019a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade* (pp. 12-51). São Paulo: Ubu Editora. (Texto original publicado em 1953)

Winnicott, D. W. (2019b). O uso de um objeto e relação por meio de identificações. In *O brincar e a realidade* (pp. 141-153). São Paulo: Ubu Editora. (Texto original publicado em 1969)

Winnicott, D. W. (2019c). A localização da experiência cultural. In *O brincar e a realidade* (pp. 154-166). São Paulo: Ubu Editora. (Texto original publicado em 1967)

Roussillon, R. (1991). Le paradoxe de la destructivité ou l'utilisation de l'objet selon Winnicott. In *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 28/09/2022

Aceito em: 18/10/2022

Ian Favero Nathasje
Rua Dr Florêncio Ygartua, 391/608
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: iannathasje@gmail.com